

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR: DIALOGANDO COM AS CONCEPÇÕES DE FREIRE E ADORNO

PRISCILA MONTEIRO CHAVES¹; GOMERCINDO GHIGGI²

¹UFPel- pripeice@gmail.com

²UFPel – gghiggi@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entre as diferentes contradições que permeiam o ato de ler já discutidas principalmente nos escritos das áreas da linguística, aquisição e literatura, coligadas às mais diversas campanhas de incentivo à leitura, os mais perversos índices quantitativos de leitores no Brasil permanecem baixos. Essa realidade aprofunda, ainda mais, a desigualdade social e a falta de uma cidadania autêntica, visto que embora o sistema educacional brasileiro inclua os estudantes que estavam fora da sala de aula, essa inclusão não é plena do ponto de vista qualitativo. Se observa, pois, que o desempenho desses estudantes tem sido baixo, apontando para os sérios problemas no domínio das capacidades de ler e escrever, resultando em uma menor compreensão da realidade e, conseqüentemente, uma menor capacidade de resolução de problemas e de perspectiva de vida.

Outra contradição a ser considerada na emersão dessas inquietações é a informação de que atualmente o país figura entre as seis maiores economias do mundo, constituindo como a segunda maior das Américas, à frente do Canadá e do México. Mesmo assim, a formação do leitor, problemática já corrente e de ciência de professores e instituições estatais, entre outras, continua em aberto na sociedade. Juntamente com a desigualdade, a conseqüente necessidade de distribuição de renda, aliada à qualidade da educação, o baixo índice de leitura torna-se importante preocupação e um dos itens mais demandantes do povo aos governantes brasileiros, mesmo que isso não apareça claramente. Incoerências que demandam um olhar crítico-filosófico bem como uma interpretação mais *radical* (FREIRE, 2005) acerca de tal realidade.

Dessa forma, o presente artigo propõe-se a analisar sinteticamente os impasses da realidade em que são formados leitores na contemporaneidade, apontando tentativas de soluções ancoradas nas reflexões de Paulo Freire (1921-1997) e Theodor Adorno (1903-1969), uma vez que a leitura não deve ser tomada como *técnica* a ser adquirida e tampouco mercantilizada, e sim um meio de promoção da cidadania, compreendida em suas dimensões crítica e ativa, em outras palavras, um instrumento humanizante de emancipação do sujeito (ADORNO, 1995).

2. CAMINHO METODOLÓGICO

O presente texto consiste em uma pesquisa bibliográfica que parte dos dados fornecidos por um documento que teve a pretensão de mostrar o perfil, tão

fiel quanto possível, dos leitores e não-leitores brasileiros, apontando da maneira mais fidedigna realizável os resultados obtidos pela adoção de políticas públicas e seu grau de eficiência, *Retratos de Leitura no Brasil* (2008). E utiliza-se das reflexões filosóficas advindas dos escritos de Adorno - cotejando inclusive leituras de Benjamin e Arendt - contrapostas às contribuições de Freire acerca da formação do leitor. Potencialmente fecundas à interpretação e problematização desses dados, contrapondo-os aos recortes da área da leitura propostos pela ciência atual.

Para tanto, o presente texto se estrutura ancorado em três principais focos: a) *Fetichismo pela técnica (técnica)*, que questiona um louvor desmedido a uma técnica de codificação/decodificação, que em determinados nichos sociais ainda é legitimada como verdadeiro conhecimento, reforçando a errônea concepção de uma prática educativa atual que enfatiza que, onde quer que o *saber como* seja de importância crucial, o *saber que* é uma perda de tempo (FREIRE, 1990). Como se esta possuísse um *fim em si mesma*. Alienando a comunidade escolar sobre o sentido da alfabetização e os submetendo a uma *reificação tecnológica* (ADORNO, 1985); b) *Indústria Cultural e ensino de literatura*, pois, sabendo que a leitura dita cultural ainda é bastante carente, hipótese que se potencializa na análise dos livros mais citados pelos brasileiros em *Retratos*, quando constata-se uma preocupante prontidão no aceite de textos que Adorno aponta como produtos da *Indústria Cultural*, considerados pela mídia como *maiores sucessos da literatura mundial dos últimos tempos*, potencializando uma carência brasileira, a baixíssima compreensão daquilo que se lê, o que Mészáros (2008) aponta como *novíssimo analfabetismo*; e c) *Semiformação do leitor*, que vem se constituindo nos moldes de uma educação utilitarista que, nas décadas anteriores, se dava apenas em um pequeno público, que “forma” o leitor não autônomo, preparado para ser sempre mais utilitário, com prontidão para adquirir os rudimentares conhecimentos das diferentes profissões que o sistema precisa. O que deturpa as poucas alternativas que esses sujeitos têm de se tornarem leitores culturais, contentando-se com uma *pseudo-participação* (ADORNO, 1996) político-social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendida a limitada aquisição de uma técnica e o lento crescimento do número de leitores - que por vezes acabam tendo acesso somente a esta espécie de *literatura* recém citada - percebe-se que realidade produz a ilusão de desenvolver-se para cima e, no fundo, permanece sendo o que era, havendo um grave equívoco entre *desenvolvimento* e *modernização* da sociedade, reforçada pela precariedade do público leitor.

Assim, compreende-se a necessidade de tais reflexões filosóficas uma vez que a temática da leitura constitui mais uma *armadilha do óbvio*, pela incoerência que há entre o consenso popular dos significativos benefícios da prática e o risco de uma conversão em devotadas assembleias de autoconsolação, alertando com isso sobre a urgência de uma interpretação das práticas e dos discursos a respeito da leitura. Percebe-se que uma das facetas dessa *armadilha do óbvio* é distanciar o sujeito de um engajado diagnóstico da doença e dos doentes, diagnóstico que se mostra de extrema urgência quando as soluções não podem mais ser apenas *formais*, através de uma dominação estrutural imposta; e

libertação que depende também de um retorno indicativo das origens dos pecados intelectuais.

Se dessa forma sucede, essa é uma das funções da Filosofia, que trabalha no apontar de novos caminhos, no revelar de novas realidades, na luta e no combate, interrompendo, neste caso, a precariedade trazida pela objetividade com que por vezes é vista a atividade de leitura, quando abordada de maneira cerrada por si só, trabalhando em prol da interrupção desta objetivação.

Por isso, a partir das reflexões estabelecidas até o presente momento, faz-se necessária uma reconsideração desta condição de leitores na atualidade - problematizada até aqui à luz das teorias da leitura, da literatura e do letramento - sob a prerrogativa do ponto de vista dos mais novos conhecimentos empíricos, percebidos pelas demandas sociais, e temores não tão recentes. A fim de que a leitura não seja mais um instrumento de manipulação, de modo que sirva aos interesses dominantes, e que a população não passe dos *limites*.

Se uma das principais dimensões desses limites é a formação como leitor, competência capaz de emancipar o sujeito e fazer com que este se torne um questionador de seu mundo e crítico de sua cultura, tal formação depende estreitamente do resgate e do enfoque da sua função social e política, em sua história e sua cultura, bem como da compreensão de seu mundo imediato, o que o contexto escolar atual não propicia ao educando (FREIRE, 2005).

4. CONCLUSÕES

Compreende-se o quão insatisfatória se torna uma tentativa de formação do leitor calcado na materialidade, tanto no que compete à aquisição do código escrito, quanto ao seu contato posterior com os portadores de texto. Que funcionam como meio de manutenção da vida e tem sua engrenagem na relação de troca. A impressão que se tem é de uma falsa consciência de todas as partes, umas a respeito das outras.

A escola que não volta-se contra essa cultura afirmativa e utilitária, que não ensina os sujeito a duvidar da mesma, que não rompe com essa imagem de mero momento de transição do sujeito leitor enquanto *aluno*, alimenta esse falso contrato entre instituição escolar e formação do leitor.

A leitura deve fazer parte da ação dos homens sobre a realidade social, trabalhando no desvendamento de novas condições sociais de vida, no questionamento da inexorabilidade dos fatos (FREIRE, 1996), na produção de homens insatisfeitos e inconformados com a sua cultura. Se a razão de ser da leitura é a humanização, como advogado foi nas seções que antecedem esta, a leitura precisaria perder seu caráter opressor, tanto de ser reduzida a uma técnica, como na maneira de, na maioria esmagadora dos fatos, alienar, distrair, reforçar uma crença e cumprir com demandas estritamente científicas ou institucionais somente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. **Teoria da Semicultura**. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: Educação e Sociedade. Campinas: Papyrus, 1996b. Ano XVII, nº.56, p.388-411, Dezembro.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: Leitura da Palavra Leitura do Mundo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**..2.ed- São Paulo: Boitempo, 2008.